

A TEORIA QUEER E SUAS INGERÊNCIAS: A IMPORTÂNCIA DESSE PENSAMENTO PARA OS ITINERÁRIOS DOS CORPOS DISSIDENTES

Eixo Temático ET 25 - Insurgências de Corpos e Saberes: Perspectivas Pedagógicas Decoloniais e Queer (Cuir) na Construção de Poéticas Outras da Revolta

Dandara Camélia da Silva Domingues ¹
Marcos Aurélio Dornelas da Silva ²

RESUMO: Este estudo visa destacar como a teoria queer pode ser uma base teórica inovadora para os debates de gênero. Pretende ainda melhor analisar a colaboração da teoria queer para a construção dos itinerários dos sujeitos cujas identidades são postas como dissidentes. Este trabalho baseia-se em uma pesquisa bibliográfica exploratória em periódicos, artigos e livros que se dedicam ao debate de corpo, gênero, diversidade humana e a teoria queer dos últimos 10 anos (2012-2022). Verificamos que é possível pensar o queer ousadamente como uma expressão propícia para que nenhuma diversidade fique de fora, invisibilizada ou sem representatividade, ao passo que rompe com as fronteiras que afirmam que determinadas vivências são abomináveis ou um simples erro da natureza.

Palavras-chave: Teoria Queer; Corpo; Dissidente.

INTRODUÇÃO

O termo queer vem antes de qualquer definição ou pensamento teórico que foi cunhado no final do século 20, tendo o seu exórdio na Inglaterra, em uma região conhecida por “Queer Street” (SANTOS, OLIVEIRA e SOUZA, 2018, p. 2). De acordo com o Collins English Dictionary (1979, 2018), em inglês britânico, o “Queer Street” é uma expressão coloquial que se refere a uma “rua queer”, cujo destino é para alguém que está numa situação difícil, de falência, ou um indivíduo que se depara com alguma dificuldade, sendo esta palavra “registrada pela primeira vez no período de 1830–40” (Versão Online, 13ª edição, 2018.). Assim, a “avenida Queer” era:

“basicamente, um local onde haviam apenas pessoas não aceitas e discriminadas pela sociedade, LGBT’s e também por motivos diversos, como, por exemplo: prostitutas e devedores. Esse termo sempre teve o intuito de ofender os que fossem assim denominados” (SANTOS, OLIVEIRA e SOUZA, 2018, p. 2).

¹ Graduada pelo Curso de **Licenciatura em Ciências Sociais** da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, e graduanda do Curso de **Psicologia** da Universidade São Judas Tadeu - USJT domingues.dcs@gmail.com;

² Professor orientador Marcos Aurélio Dornelas da Silva: Pós-Doutor em Educação pelo PPGEU/UFPE e Doutor e Mestre em Sociologia pelo PPGS\ UFPE. Docente da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, madornelas@gmail.com.

Para Miskolci (2017, 2019) o que é compreendido como *queer*³ nos dias atuais, em grau político e teórico, emergiu como um incitamento crítico a ordem sexual, vigente nas décadas finais do século 20, possuindo quiçá ligação com a contracultura e reivindicações dos “novos movimentos sociais”⁴ da década de 60, que cobravam por demandas para além de econômicas, tendo o seu apogeu em seguida aos populares movimentos operários e trabalhistas (p. 21). Deste modo, a segunda metade do século 20 foi um marco para os primeiros estudos *queer*, objetivando a formação de uma teoria. Assim:

De forma geral, esses movimentos afirmavam que o privado era político e que a desigualdade ia além do econômico. Alguns, mais ousados e de forma vanguardista, também começaram a apontar que o corpo, o desejo e a sexualidade, tópicos antes ignorados, eram alvo e veículo pelo qual se expressavam relações de poder (MISKOLCI, 2019, p. 22).

A movimentação hegemônica do padrão heterossexual nas sociedades ocidentais do século 20, fundou o pensamento central de que a existência de corpos LGBTQIA+ eram indecorosos e uma equivocação. Não somente havia resistências em relação às orientações sexuais e aos desejos diversos, mas também ao gênero. Essa categoria útil de análise social tradicionalmente foi adaptado a estereótipos cis-hetero-normativos que eram utilizados pelos moldes culturais. Sua função binária era a de delimitar e estabelecer os papéis coletivos impostos às masculinidades e feminilidades. A quem se desviava dos chavões do gênero, eram disparados ataques, regulações, controles, domesticações e marginalizações sociais, que ainda são presentes atualmente (DOMINGUES & SILVA, 2021).

Dito isto, o *queer* foi um vocábulo, antes tomado para designar esses *corpos-gêneros-sexualidades* desviantes/dissidentes⁵, hoje outorgado para dar compreensão, representar os padrões de vida, identitários e visões de mundo de quem,

³ Esse grupo rebelde, o *queer*, segundo Louro (2001), pode ser interpretado por “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” ou um movimento de oposição e contestação que posiciona-se contra a normalização, tendo por escopo iminente a cis-heteronormatividade compulsória da sociedade. O *queer* indica um “outro”, quiçá a produção deste, ou, como diz Louro, “representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (Louro, 2001, p. 546). Com isso, é importante destacar que há um reflexo colonial no ocidente que busca determinar o lugar desse “outro” em seu seio social (DOMINGUES & SILVA, 2021);

⁴ Feministas, homossexuais, trabalhistas, negros, etc.

⁵ Compreende-se por dissidente os corpos que fogem das normas e inscrições sociais. Por essa razão, recusam-lhe a inteligibilidade de suas identidades, tornam-se vulneráveis, despertam repulsas, fascinam e são abjetados, não tendo credibilidade política e social (PISCITELLI, 2009);

antes, era colocado como imoral e abjeto⁶. Dessa forma:

No final das contas Queer não é uma “coisa”, Queer é toda uma existência incapaz de ser limitada e padronizada; é toda uma vivência infinita e ao mesmo tempo individual, duas pessoas que podem se identificar como Queer não necessariamente serão iguais ou nem sequer próximas, podem ser completamente diferentes uma da outra e isso que torna Queer algo ainda mais amplo, pois não se trata apenas de uma sexualidade ou de um gênero específico, trata-se de um abraço coletivo entre todas essas classes que fogem da heteronormatividade. Não se trata apenas de algo fixo e linear, como a heterossexualidade, trata-se de algo infinito e variado, repleto de diversidade (SANTOS, OLIVEIRA e SOUZA, 2018, p. 13).

Em suma, é urgente buscar pilares teóricos e empíricos para reconfigurar instâncias que corroboram com a solidão dos corpos LGBTQIA+/dissidentes ao reafirmarem “certezas” incapazes de atingir as identidades-outras, não normativas e vistas como “não naturais”. Sendo assim, este trabalho tem por pergunta de pesquisa: como a teoria queer pode ser útil para a reconfiguração da visão e estigmatização vigente sobre as dissidências sexuais e de gênero? Dito isto, objetiva-se compreender como a teoria queer pode ser uma base teórica inovadora para os debates de gênero, corpo e dissidências sexuais e de gênero, bem como investigar os pressupostos teóricos e históricos do pensamento queer. No mais, admite-se aqui que o pensamento teórico queer é uma base útil para superar discursos negativos que acometem corpos dissidentes (LGBTQIA+), na construção de conhecimentos reais sobre esses corpos e nas críticas ao sistema cis-hetero-normativo. Ou seja, queerizar⁷ essas existências.

METODOLOGIA

Este Trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória em periódicos, artigos e livros que se dedicam ao debate de corpo, gênero, diversidade humana e a teoria queer dos últimos 10 anos (2012-2022) e utilizou-se como guia de pesquisa, as ferramentas Google Academic, Scielo, catálogo de dissertações e teses, livros (físicos e digitais), dentre outros sobre a população LGBTQIA+ e sua relação com o pensamento queer. Dito isto, Gil (2002) anuncia que a pesquisa é requisitada assim que identifica-se que as informações sobre determinado assunto são insuficientes ou insatisfatórias,

⁶ Abjeção seria um território cuja coletividade retira a importância política e social de alguns corpos (DOMINGUES & SILVA, 2022). Em outros termos, revela todo um caráter moral e ético fundados no interior da matriz cis-hetero-patriarcal, onde há uma desesperada resistência para que tais padrões sejam mantidos;

⁷ Queerizar é uma palavra derivada da teoria queer que pode possuir o sentido de “sensibilizar o campo para os aspectos e os efeitos políticos, estéticos e subjetivos” do local cuja teoria é tomada como método de intervenção” (PORTINARI, 2017 p. 2).

quando ela está desordenada e não é confiável para responder o problema. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica tem o desígnio de auxiliar o pesquisador e a pesquisadora na procura por literaturas e obras de relevância para o tema, que já foram publicadas.

Assim, realizou-se a revisão da literatura, sobre o debate sobre gênero, corpo, LGBTQIA+ e teoria queer e com palavras chaves para facilitar a investigação. Vale ressaltar que alguns materiais foram de 20 anos atrás, visto que a teoria queer é um movimento teórico do final do século 20 e, para compreender os seus primórdios, é importante visitar diretamente da fonte, passando pelas teóricas e teóricos que foram importantes para a consolidação desta teoria. Foram utilizadas obras e ensaios de nomes célebres, como: Michel Foucault, Eve Sedgwick, Judith Butler, Richard Miskolci, Guacira Louro entre outros. Os materiais foram lidos, fichados e analisados a fim de construir uma linha teórica coerente e coesa e a revisão bibliográfica possibilitou a importante experiência de estar diante de múltiplas literaturas sobre o tema, de aprimorar a discussão, de refletir sobre antigos conceitos e ressignificá-los, assim como desenvolver novas interpretações no que diz respeito aos corpos dissidentes, os ensaios de gênero, bem como a crítica ao modelo cis-heteropatriarcal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A expressão queer, conforme refere Salih (2019), é um apoderamento brusco de um termo, primeiro, empregado para ofender, desacreditar e amoralizar. De acordo com ela, Sedgwick (1990, p.19), cunha o termo queer como "indistinguível, indefinível, instável". Para a autora, "o queer é um momento, um movimento, um motivo contínuo - recorrente, vertiginoso, troublant [perturbador]" (1990, p. 21). De forma complementar a Sedgwick, Salih (2019) cita Gilroy (1993), que reconhece o queer como "rotas", para além de "raízes". Desta forma, a autora interpreta que "o queer não está preocupado com definição, fixidez, ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação" (SALIH, 2019, p. 19).

Butler (BUTLER, 2004, 2001 citada por MISKOLCI, 2019 p.27) coloca o queer como "uma nova política de gênero", ao passo que sujeitos-outros começaram a ser vistos como possíveis e dignos para imergir nos movimentos sociais. A título de exemplo temos a sucessiva entrada de travestis, transexuais e transgêneres, assim como pessoas não brancas e outros sujeitos "deslocados" e dissidentes. Isto

posto, “a nova política de gênero - que também pode ser chamada de *queer* - é materializada no questionamento das demandas feitas a partir dos sujeitos; em outras palavras, chama a atenção para as normas que os criam” (MISKOLCI, 2019, p. 27).

Miskolci (2019) afirma que nos períodos finais dos anos 80, o debate de gênero, ajustado à ideia de poder foucaultiana (1987)⁸, delineia uma nova luta política que passa a entender que as normas e regras culturais produzem o ser humano. Mesmo provocando conflitos dentro dos movimentos sociais, como a alegação de despolitização das pautas, o gênero enquanto construção social foi muito útil para a incorporação de sujeitos-outros nessas agendas:

A história provou o contrário. Na nova política de gênero, seja lá nos Estados Unidos, quer seja aqui no Brasil, ganharam espaço problemáticas trazidas por trabalhadores do sexo, transexuais, travestis e mesmo por pessoas que as vezes estão dentro de relações com pessoas do sexo oposto, que poderiam ser vistas como pessoas modelares socialmente, mas que não acreditam nessas normas e acham que é uma violência que elas, as normas, sejam impostas (MISKOLCI, 2019, p. 29).

É possível pensar o *queer* ousadamente como uma expressão propícia para que nenhuma diversidade fique de fora, invisibilizada ou sem representatividade. Este termo rompe com as fronteiras que afirmam que determinadas vivências são abomináveis ou um simples erro da natureza, mas ele também faz parte dessas atrizes e atores sociais. É como diz Louro (2001), que o:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2001, p.30).

⁸ A partir dos estudos sobre poder de Michel Foucault (*Vigiar e Punir*, 1987), a concepção de sujeito, para algumas e alguns teóricos/as, foi revista. Entre as décadas de 1960 e 1970, considerável parte dos movimentos da época (homossexual e feminista) tinham uma concepção liberacionista do sujeito, visto que, em seus pontos de vistas, mulheres e homossexuais, eram “sujeitos oprimidos que deveriam lutar pela liberdade. No entanto, Foucault apresenta uma nova ótica, ao passo que aponta que a visão do poder como “localizável e repressor” não é suficiente para inteirar a existência real da história contemporânea. Para ele, o poder está por toda a extensão longitudinal da coletividade, estimulando os agentes sociais a se comportarem em conformidade com as inclinações hegemônicas. Assim, “o poder deixa de ser algo facilmente associado a alguém ou a uma instituição, o rei ou a presidência, por exemplo, e passa a ser visto como uma situação estratégica em uma dada sociedade em certa época” (MISKOLCI, 2019, p. 28).

O queer, em essência, é um tanto complicado, pois não se rotula. As construções sociais impostas para nos encaixar em determinados padrões de gênero e sexualidade, são problemáticas da cis-heteronormatividade, o que, obviamente, o *queer* não destrói, mas pretende desfazer com o propósito de dar possibilidades a quem não encontra território nessas coercitividades. Para o queer, ser um homem ou uma mulher não é ser másculo, usar rosa ou ser feminina. É poder ser quem você é e é “sobre você se identificar como de fato é”, sem necessariamente precisar ser manipulado ou adaptado para ser aceito em determinado grupo (SANTOS, OLIVEIRA e SOUZA, 2018, p. 5).

Os corpos designados como *queer*, postos aqui como “dissidentes”, sempre foram colocados nas fronteiras da sociedade, sendo inscritos como patológicos e incompreensíveis, tendo o hetero-cis-centrismo⁹ como responsável “por reafirmar uma supremacia e normatividade compulsória, que resulta em práticas de violências veementes e cotidianas a diversidade sexual e de gênero” (DOMINGUES, SANTOS e SILVA, 2021, p.1). Pessoas LGBTQIA+ ainda sofrem violências físicas, represálias, reprovações sociais e enfrentam uma luta árdua e constante contra as coercitividades cis-hetero-normativas. Seus corpos ainda são lançados na coletividade para que juízes/as da moral e dos bons costumes se sintam livres e autorizados para declarar se eles são ou não permissíveis, adequados e livres para conviverem no seio social. A discriminação e o preconceito, que ocasiona em violências simbólicas, não ficam restritas nas cabeças das pessoas, pois são externadas deliberadamente para que todes ouçam que esses “corpos desviantes” são e estão errados. É uma verdadeira caça às bruxas contemporânea, ou, aos que são, desde outrora, designados como queer ou dissidentes (DOMINGUES & SILVA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, falar em um método queer é pensar em novas roupagens de sujeitos. Queerizar esses corpos é dar inteligibilidade às suas vivências e possibilidades as suas identidades. É descristalizar categorias e arranjos identitários que advogam, historicamente, pela cis-heteronormatividade e que patologizam aqueles/as que experienciam o mundo a partir de outras narrativas não cis-hetero-patriarcais.

⁹ Entende-se o *Cis-hetero-centrismo* como posturas e práticas que advogam pela supremacia da cisgêneridade e heterossexualidade, sendo pensados e vividos como únicos possíveis e concebíveis dentro dos gêneros diversos e orientações sexuais (DOMINGUES, SANTOS e SILVA, 2021).



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

Descristalizar é desnaturalizar o que é dito como natural; é entender que o indivíduo não é um gênero colocado compulsoriamente como ontológico, mas que, antes de tudo, ele é a sua história. Já disse Sartre em seu compêndio: “A existência precede a essência” (SARTRE, 1946, 2019 p. 19). Isto é, antes de serem definidos, os corpos precisam misturar-se com o mundo. Assim, ficou bem esclarecido que sujeitos com identidades de gêneros e sexualidades não convencionais, tendo em seus emblemas a dissidência, são acometidos pelas perseguições da cis-hetero-normatividade, que converte a sociedade em um sítio de opressões e violências para essas dissidências. Portanto, o método queer, que vislumbra desestabilizar o que está posto como “normal” e “aceitável” é uma base teórica útil e capaz de fornecer inteligibilidade acerca dos itinerários de corpos que ainda residem nas fronteiras sociais, ao que rejeita indivíduos e corpos tidos como “não normais” e abre espaços para novas roupagens de sujeitos.

REFERÊNCIAS

- Collins English Dictionary [13th edition, 2018]. HarperCollins Publishers (em inglês). Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/>. Acesso em: 5 de janeiro de 2022.
- BUTLER, J. Mecanismos psíquicos del poder - Teorías sobre la sujeición. Madrid> Ediciones Cátedra, 2001.
- BUTLER, J. Lenguaje, poder, e identidad. Madrid: Síntesis, 2004.
- DOMINGUES, D.C.S; SILVA, M.A.D. Gênero, Transgeneridade e Educação: A Importância do Debate para a Construção de uma Pedagogia (Queer) de Desconstrução e Emancipação. In **VII Congresso Nacional de Educação**. CONEDU Online, 2021.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: **Vozes**, 1987.
- LOURO, G.L. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001.
- MISKOLCI, R. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 3.rd. rev. e ampl.; 3. reimp. - Belo Horizonte: **Autêntica**: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2021. - (Série Cadernos da Diversidade; 6).
- PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008.
- PORTINARI, D. Queerizar o Design. **Arcos Design**. Rio de Janeiro, Edição especial Seminário Design.Com, Outubro 2017.
- SALIH, S. Judith Butler e a Teoria Queer. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2019.
- SANTOS, K.S; OLIVEIRA, Y.; SOUZA, R.M.V.. Percorrendo a origem, ascensão e evolução da Teoria Queer. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação in **XXXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Joinville - SC, 2018.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemology of the closet. Berkeley, **University of Califórnia Press**, 1990.